



Epistemologia Contemporânea e sua Aproximação com a Psicologia

*Antoniél dos Santos Gomes Filho¹; Tadeu Lucas de Lavor Filho²;
Liromaria Maria de Amorim³; Gislene Farias de Oliveira⁴*

Resumo: O presente estudo discute os antecedentes da epistemologia contemporânea, basicamente associada às ciências humanas. Epistemologia se ocupa do conhecimento, seus princípios e hipóteses, com a finalidade de organizar seus fundamentos, seu valor e sua importância, de forma lógica e objetiva. Em ciências sociais, o termo “epistemologia” evoca a ideia de conhecimento de sentido amplo, dada a diversidade e complexidade característica dos humanos. É mais apropriado o seu uso para o conhecimento científico, sua lógica e limites característicos. A ciência e o conhecimento são hoje ferramentas de poder e de alguma forma, pode ser utilizada para manipulação da sociedade dominante. A Epistemologia exerce a grande tarefa de expor uma reflexão crítica, mostrando aos estudiosos das ciências, as questões implícitas nas entrelinhas das pesquisas, para que sejam utilizadas de forma consciente.

Palavras-chave: Epistemologia, Ciências humanas, Conhecimento.

Contemporary Epistemology and its Approach to Psychology

Abstract: This study discusses the background of contemporary epistemology, basically associated with the humanities. Epistemology deals with knowledge, its principles and hypotheses, with the purpose of organizing its foundations, its value and its importance, in a logical and objective way. In social sciences, the term "epistemology" evokes the idea of knowledge in a broad sense, given the diversity and complexity characteristic of humans. Its use for scientific knowledge, its logic and characteristic limits is more appropriate. Science and knowledge are today tools of power and in some way, they can be used to manipulate the dominant society. Epistemology has the great task of exposing a critical reflection, showing science scholars, the questions implicit between the lines of research, so that they can be used consciously.

Keyword: Epistemology, Human sciences, Knowledge.

¹ Mestre em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Tecnólogo em Gestão Comercial formado no Centro Universitário Dr. Leão Sampaio (UNILEÃO). Licenciado em Pedagogia pela Faculdade Kurios (FAK). Discente em Licenciatura em Sociologia (Formação pedagógica) e Especialização em Teoria Psicanalítica no Centro Universitário FAVENI. Professor do Centro Universitário Vale do Salgado (UniVS). antoniél.historiacomparada@gmail.com;

² Graduado em Psicologia (2017) pelo Centro Universitário Dr. Leão Sampaio - UNILEÃO - Bolsista do PROUNI. Especialização em Docência do Ensino Superior e Tutoria de Educação a Distância (Instituto Pedagógico de Minas Gerais - IPEMIG - 2019). Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará - UFC e Doutorando em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará. tadeulucasilf@gmail.com;

³ Graduação em Saúde Pública e Pedagogia pela Universidade Regional do Cariri (URCA). Especialista em Educação Infantil pela URCA e em Educação Infantil e Ensino Fundamental pela Faculdade de Juazeiro do Norte - FJN. lirinhamor@gmail.com;

⁴ Graduação em Psicologia e em Licenciatura em Psicologia. Doutorado em Psicologia Social pela Universidade Federal da Paraíba. Pós-Doutorado em Ciências da Saúde pela Faculdade de Medicina do ABC/SP Professora Associada da Universidade Federal do Cariri (UFCA). gislene.farias@ufca.edu.br.

Introdução

Epistemologia é uma palavra que é oriunda da junção de dois termos gregos, *episteme*, ciência/conhecimento e *logos*, teoria/estudo. Desse modo, e conforme o Dicionário Michaelis On-line (2020, s/p) apresenta, estamos tratando do “conjunto de conhecimentos sobre a origem, a natureza, as etapas e os limites do conhecimento humano; teoria do conhecimento.” e também do “estudo crítico das premissas, das conclusões e dos métodos dos diferentes ramos do conhecimento científico, das teorias e das práticas; teoria da ciência.”.

Todavia, pensar uma teoria do conhecimento só foi possível a partir da crise da ciência em fins do século XIX e início do séc. XX, uma vez que, esse período marca a necessidade de uma avaliação do conceito de ciência, em especial pela organização das ciências humanas e sociais e de seus novos métodos, assim, contemporaneamente a epistemologia passou a “ser mais usado para designar o estudo do conhecimento científico do ponto de vista crítico [...]” (ARANHA; MARTINS, 2009, p. 382). Até que se chegasse a essa reavaliação, a ciência percorreu um percurso que se inicia nas sociedades clássicas antigas e tem no início da modernidade uma revolução no que tange seus usos e importância na sociedade moderna, que se dessacraliza o universo e o homem, instaurando assim a racionalidade, o método e o homem como ser ativo e produtor do conhecimento.

A seguir, de modo sucinto, apresenta-se os antecedentes da epistemologia contemporânea, como uma discussão específica sobre as ciências humanas. Posteriormente, apresenta-se um debate sobre a formação da epistemologia contemporânea; ao final, apresentamos de modo particular como a Psicologia esteve envolvida nesse processo de reavaliação científica, e desenvolveu-se através da criação de matrizes epistemológicas com distintos métodos centralizando a *psique* humana como seu objeto de estudo.

Modernidade e a Revolução Científica

No campo historiográfico, compreende-se a Modernidade como um amplo movimento que se inicia em fins do século XV e que instala no mundo ocidental europeu reformas sociais, culturais, científicas, econômicas, artísticas... que marca a saída das mentalidades medievais, que tinham na religião a organização do mundo de forma teocêntrica, assim, há uma virada para o antropocentrismo. Como diz Aquino et al. (1978, p. 69) o medieval, “[...] centrava suas

atenções na relação Deus-Homem, [que] foi substituído pela glorificação do humano, pela preocupação da relação Homem-Natureza.”.

É nesse momento que as ciências modernas se desprendem da filosofia, tornando-se ciências particulares que tem como base a escolha de um objeto e um método (racional, sistemático e empírico) para controle do conhecimento. Nesse momento, observa-se que as ciências naturais como a física, a química e a biologia apresentam seus métodos de estudo e compreensão da realidade do mundo externo ao ser humano. Aranha e Martins (2009, p. 345) lembram que o desenvolvimento científico esteve correlacionado a criação de comunidades científicas entendida como “[...] o conjunto dos indivíduos que se reconhecem e são reconhecidos como possuidores de conhecimento específicos na área de investigação científica.”. Desse modo, se em momentos históricos anteriores as grandes descobertas eram produtos de uma única pessoa, agora, uma nova descoberta científica deve passar por uma discussão entre os pares da comunidade científica para comprovar e validar ou refutar o experimento, a teoria, ou seja, a descoberta científica.

O pensamento moderno caracteriza-se por ser racional, ativo e metódico. A racionalidade alocou o universo como algo ordenado, harmônico, previsível sendo capaz de ser compreendido racionalmente pelo ser humano; uma vez que, agora este é um ser ativo no mundo, que não mais contempla o mundo, agora o transforma através da ciência que apresenta um caminho para se chegar esse conhecimento, ou seja, o método, uma base segura que garante a verdade do raciocínio (ARANHA; MARTINS, 2009; COTRIM; FERNANDES, 2016).

Sob essas características, e com base no empirismo, que se sustenta na “[...] tese que de que todas as nossas ideias são provenientes da experiência e, em última instância, de nossas percepções sensoriais (visão, audição, tato, paladar, olfato).”, e tomando o objeto de estudo como externo ao ser humano, as ciências naturais lograram êxito no desenvolvimento de métodos científicos que propunham sua replicação por outros cientistas, inclusive em relação ao seus resultados, criando assim leis empíricas verificáveis, gerando assim leis teóricas mais gerais, que se tornavam na maiorias das vezes longevas, como dizem Cotrim e Fernandes (2016, p. 366): “O estudo da história das ciências revela, no entanto, que inúmeras teorias científicas que por algum tempo reinaram como absolutamente sólidas e corretas mais tarde foram refutadas, sendo modificadas ou substituídas por outras.”. Assim, o método desenvolvido nas ciências naturais foi tomado, como exemplo, a ser seguido pelas novas áreas que pretendiam angariar o status científico.

Formação das Ciências Humanas

Se a validação dos métodos em ciências naturais já estava consolidada, as ciências humanas e sociais que se formavam no decorrer do século XIX já eram atravessadas por tais métodos, uma vez que estes eram considerados o modelo de ciência tradicional e representacional da produção de conhecimento. Mas, diferente de físicos, químicos e biólogos, que tinham seus objetos de estudos externos a si, os cientistas das ciências humanas e sociais (sociologia, antropologias, psicologia, etc.) tinham como objeto o ser humano, ser que também são, assim, como estudar o ser humano sendo um. Clássicos exemplos são a sociologia e a psicologia (que será adiante melhor discutida).

As ciências humanas, como apontam Gomes Filho, Lavor Filho e Lima (2020), estiveram em grande parte do período moderno ligados aos escritos filosóficos que tratavam sobre a natureza humana. Os autores destacam as transformações que ocorreram na Europa após a Revolução Industrial, e suas ressonâncias em outras instâncias da vida individual e coletiva. Assim, essas mudanças demandam novas formas de análise social e dos indivíduos, que agora vivem novas formas de experiências com o mundo da família, dos relacionamentos, do trabalho, do lazer, das diversas instituições, etc.

Aranha e Martins (2009) destacam que as ciências humanas e sociais passaram por algumas dificuldades e/ou tensões (como preferimos apontar) na definição de suas metodologias, reunidas e explicadas na tabela a seguir.

Tabela 01: Dificuldades e/ou tensões metodológicas das ciências humanas

Dificuldades e/ou tensões	Definição
<i>Complexidade</i>	A complexidade dos fenômenos humanos sejam psíquicos, sociais ou econômicos, resiste às tentativas de simplificação. O comportamento humano, resulta de múltiplas influências, como hereditariedade, meio, impulsos, desejos, memória, bem como da ação da consciência e da vontade, o que o torna extremamente complexo.
<i>Experimentação</i>	A experimentação é possível para determinadas ciências humanas, mas é sempre difícil identificar e controlar os diversos aspectos que influenciam os atos humanos. É preciso saber de que constatações está partindo a experimentação: se da observação do comportamento exterior do indivíduo ou do seu relato sobre o que sentiu, a chamada técnica de introspecção. Esse último, é descartado por aqueles que julgam esses dados não confiáveis, pois podem ser falseados por mentiras ou involuntariamente.
<i>Matematização</i>	O ideal de matematização é problemático com relação às ciências humanas, cujo os fenômenos são essencialmente qualitativos. Por isso, quando é possível aplicar a matemática, são utilizadas técnicas estatísticas, com resultados sempre aproximativos e sujeitos a interpretação.
<i>Subjetividade</i>	As ciências da natureza aspiram a objetividade, que consiste na descentração do sujeito

	no processo de conhecer, ou seja, na descentração das emoções e da própria subjetividade do cientista. Mas, se o sujeito que conhece é o objeto que se quer conhecer, parece difícil contornar a subjetividade, porque o ser humano não é estranho a outro ser humano.
<i>Liberdade</i>	Enquanto algumas leis das ciências da natureza supõem o determinismo, no campo das ciências humanas a liberdade não produz o mesmo efeito.

Fonte: Adaptado de Aranha e Martins (2009, p. 387-388).

Estas tensões metodológicas mostram que as diversas ciências humanas em sua constituição tiveram ora que se aproximar dos métodos clássicos das ciências naturais, e ora afastar-se a fim de criar e consolidar seus próprios métodos. A sociologia nos dá um exemplo: Augusto Comte (1798-1857) antes de inventar a palavra sociologia, usava o termo “física social” para descrever um novo campo científico. Comte através do positivismo, “sustenta que a ciência deve se preocupar apenas com entidades observáveis se sejam conhecidas pela experiência direta”, desse modo, assim como nas ciências naturais, Comte apresenta a lei dos três estágios (teológico, metafísico e positivo) (GIDDENS, 2012, p. 24). Inspirado no positivismo de Comte, Émile Durkheim (1858-1917) consolida a sociologia no campo científico, elegendo os fatos sociais como objeto de estudo da sociologia, tendo no método objetivo. Por sua vez, Max Weber (1864-1920) elegeu como objeto da sociologia as ações sociais, elegendo para suas análises o método compreensivo. E, Karl Marx (1818-1883) elegeu como objeto da sociologia as classes sociais e suas relações, sendo seu método de análise o materialismo histórico-dialético (COSTA, 2010; GIDDENS, 2012).

O exemplo da Sociologia nos é útil para compreender que nas ciências humanas e sociais, o método depende das visões e escolhas de conhecimento, logo, não estamos pensando em uma matriz de conhecimento sobre o ser humanos, mas em diversas epistemologias que abarcam por visões diferentes os fenômenos humanos, sejam eles, individuais ou coletivos. Como apontam Aranha e Martins (2009) com base nos escritos de Wilhelm Dilthey, as ciências humanas e sociais se destacam em duas grandes tendências: a positivista e a hermenêutica. Tal compreensão dar-se no momento de crise das ciências em fins do século XIX, onde surge o debate da epistemologia contemporânea, debatida na próxima seção.

Epistemologia Contemporânea

Cotrim (2006, p. 227) nos lembra que “no final do século XIX e início do século XX, a matemática e a física clássica foram revolucionadas por novas descobertas que romperam com certos paradigmas (modelos) estabelecidos até então.”. Junto a isso, o surgimento das ciências humanas e seus novos métodos, fez com que a surgisse a crise da ciência, e daí uma nova reflexão sobre o método científico, consolidando assim, a Epistemologia enquanto campo de estudos filosóficos.

Diz Castañon, na obra: *Introdução à Epistemologia*:

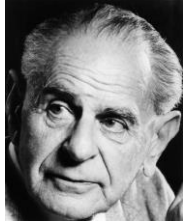
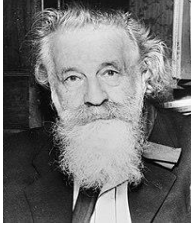
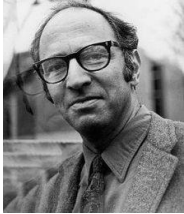

No século passado, a palavra *Epistemologia* foi progressivamente perdendo sua acepção ampla, de teoria do conhecimento, para ganhar uma acepção mais estrita, de estudo metódico da ciência moderna, suas aplicações, limites, métodos, organização e desenvolvimento. Ao mesmo tempo alguns filósofos de influência francesa também passaram a usar o termo *Epistemologia* para designar o sentido bem mais amplo de estudos gerais dos “saberes”, especulativos e científicos (ciência, teologia, filosofia, técnicas), suas histórias, organizações e funcionamentos (CASTAÑON, 2007, p. 13).

Cotrim (2006), Cotrim e Fernandes (2016), Aranha e Martins (2009) destacam o Círculo de Viena como movimento fundamental para uma reavaliação da científica. Como dizem os próprios filósofos do círculo, Hahn, Neurath e Carnap (1986):

Caracterizamos a concepção científica do mundo essencialmente mediante duas determinações. Em primeiro lugar, ela é empirista e positivista: há apenas conhecimento empíricos, baseado no imediatamente dado. Com isso se delimita o conteúdo da ciência legítima. Em segundo lugar, a concepção científica do mundo se caracteriza pela aplicação de um método determinado, o da análise lógica. O esforço do trabalho científico tem por objetivo alcançar a ciência unificada, mediante a aplicação de tal análise lógica ao material empírico. Do mesmo modo que o sentido de todo enunciado científico deve poder ser indicado por meio de uma redução a um enunciado sobre o dado, assim também o sentido de cada conceito, pertencente a qualquer ramo da ciência, deve poder ser indicado por meio de uma redução gradativa a outros conceitos, até aos conceitos de grau mínimo, que se relacionam ao próprio dado. Caso se empreender tal análise para todos os conceitos, estes se enquadrariam em um sistema de redução, em um "sistema de constituição". As investigações visando a um tal sistema de constituição, a teoria da constituição, configuram, assim, o quadro em que se aplica a análise lógica pela concepção científica do mundo (HAHN; NEURATH; CARNAP, 1986, p. 12).

O Círculo de Viena, desenvolveu o neopositivismo, e foi um movimento importante para o desenvolvimento da Epistemologia Contemporânea. Mas, outros teóricos foram importantes para as reflexões sobre o método científico no séc. XX. Assim, destaca-se o pensamento de Karl Popper (1902-1994), Gaston Bachelard (1884-1962), Thomas Kuhn (1922-1996) e Paul K. Feyerabend (1924-1994). A síntese do pensamento reflexivo, sobre o método científico contemporâneo dos teóricos mencionados, são apresentados na tabela a seguir:

Tabela 02: Síntese teórica sobre o método científico contemporâneo de Popper, Bachelard, Kuhn e Feyerabend.

EPISTEMÓLOGO	CONCEITO E REFLEXÃO
<p>Karl Popper (1902-1994)</p> 	<p style="text-align: center;">Critério da Refutabilidade</p> <p>Uma teoria mantém-se como verdadeira até que seja refutada. Logo, a teoria é verdadeira até que se demonstre sua falsidade, brechas e limites. O cientista imagina uma hipótese e a submete ao levantamento de possíveis maneiras de falseá-la, de refutá-la pela experiência. Assim, não podemos provar que uma teoria universal é verdadeira, mas podemos provar que é falsa. Em Popper, não há observação pura, pois todas as observações são sempre realizadas frente a partir das visões e tóricas delimitadas pelo cientista, que se confirmam ou não a partir de sua observação.</p>
<p>Gaston Bachelard (1884-1962)</p> 	<p style="text-align: center;">Ruptura e obstáculos epistemológicos</p> <p>A ciência se desenvolve através da recusa dos pressupostos e métodos que mantinham uma investigação. Desse modo, a recusa indica que havia obstáculos que dificultavam o avanço do conhecimento. Em Bachelard vemos a importância da imaginação e criatividade como ferramentas necessárias para as práticas e desenvolvimento científico.</p>
<p>Thomas Kuhn (1922-1996)</p> 	<p style="text-align: center;">Paradigma</p> <p>A ciência é um processo que comporta uma sucessão de paradigmas que se confrontam junto a comunidade científica. Um paradigma consiste no conjunto de normas e tradições teórico-metodológicas que comportam um determinado conhecimento científico durante um determinado tempo, até que um novo paradigma seja apresentado e confronte a ciência normal. Há momentos entre o paradigma vigente e sua crise, a saber: (1) pré-paradigmático; (2) a ciência normal; e, (3) a crise. Os momentos 1 e 2 abarcam o problema originário e sua consolidação frente a comunidade científica como um paradigma e/ou modelo vigente; e o, 3 abarca o novo paradigma que confronta o que está em vigência, que se confirmado, promove uma nova reorientação científica. É nesse processo que a ciência se desenvolve.</p>
<p>Paul K. Feyerabend (1924-1994)</p> 	<p style="text-align: center;">Questionamento sobre a racionalidade científica</p> <p>Feyerabend questiona a racionalidade científica, quando critica as proposições oriundas do positivismo como normativas, frente ao pluralismo metodológico do século XX. Para Feyerabend já que há a existência do pluralismo de ideias e formas de vida, não cabe a ciência a imposição de um ou outro método. Para Feyerabend as pesquisas incorrem em processo de violação, já que o cientista pode fazer o que lhe agrada e pode se utilizar de retórica para convencer a comunidade científica.</p>

Fonte: Adaptado de Cotrim (2006), Cotrim e Fernandes (2016), Aranha e Martins (2009).

Imagens: Google (2020)

A partir dessas formulações pode-se observar a ambiguidade do progresso científico na contemporaneidade, que se desloca de um modelo científico embasado nas ciências naturais, e comporta os diversos métodos, assim, a epistemologia se espalha por todos os campos do conhecimento atual, pois, faz um movimento entre seu conceito mais amplo e específico.

Assim, diante dos usos terminológicos do termo epistemologia, Castañon no lembra a importância do estudo da epistemologia, afirmando:

Estudar Epistemologia é estudar o que faz um tipo específico de conhecimento uma forma mais segura de conhecer aspectos de nossa realidade; o que faz de nosso conhecimento específico de aplicação prática de medicina, psicologia ou engenharia um corpo de conhecimento mais preciso e seguro do que outros corpos de conhecimento empírico fundados unicamente na tradição oral ou experiência privada. Estudar epistemologia é estudar as diferenças entre os vários tipos de conhecimento, como o prático, o filosófico, o religioso, [o artístico,] e o científico (CASTAÑON, 2007, p. 14).

Caminhos Epistemológicos na Psicologia

Todos os progressos na civilização, pelos quais o homem se educa, têm como fim que os conhecimentos e habilidades adquiridos sirvam para o uso do mundo, mas no mundo o objeto mais importante ao qual o homem pode aplicá-los é o ser humano, por que ele é seu próprio fim último (Kant, 2006 apud Perez, 2010, p. 4).

A epígrafe acima diretamente nos conduz ao núcleo do pensamento e a crítica kantiana por excelência na emergência por uma crítica a produção do conhecimento em ciência humanas e sociais. Segundo Candiotta (2006) podemos pensar o homem a partir de seu próprio estatuto produzido historicamente, mas que resulta na fragmentação de uma concepção de objeto que é rizoma para a própria definição de homem. Desse modo, “a questão antropológica é indissociável do uso que o homem faz do mundo” (Candiotta, 2006, p. 191).

Nesse sentido, a proposição kantiana dá um pulo no pensamento ocidental do século XVIII, pois propõe uma forma a priori de compreensão do fenômeno empírico quando é colocada em cheque a razão, o que se sustenta na formulação da crítica de uma antropologia pragmática que inaugura um novo olhar sobre o conhecimento em ciências humanas e sociais. Para o filósofo, a razão humana se funda na linha tênue de um a priori reflexivo crítico que não está dado, isto é, inato, mas que possibilita empiricamente posicionar um juízo sobre o fenômeno (Perez, 2010).

Nesse ínterim, o que a epígrafe diz sobre as práticas *psi*? ou, o que são e querem dizer “as práticas *psi*?” Qual o fundamental epistemológico operante na psicologia? Certamente essas perguntas muito interessam o campo das psicologias, pois, apontam para o problema fundante não somente do campo *psi*, sobretudo, como essas práticas reverberam efeitos anteriores ao surgimento de uma ciência psicológica da razão humana que analisarei em três tempos históricos, a saber, Antiguidade, Cristianismo e Modernidade na produção de práticas de “si”.

Segundo Benevides (2013) a psicologia recai sobre um saber dizer de “si” que não foi desvelado somente em decorrência do estatuto de ciência que ela ganhou, mas como apontou Foucault: um lugar de práticas discursivas construídas historicamente. Esse lugar questionativo do saber de si recai na indagação central que o autor propõe explorar a partir da pergunta “Quem sou eu?” (BENEVIDES, 2013, p. 380) que não se encerra por uma investigação de substancialidade ou de moralização do “eu”, mas como uma máxima que podemos ver distinções radicais na Antiguidade, Cristianismo e na Modernidade.

Neste ínterim, se agora sabemos que a Psicologia incorporou em sua constituição de ciência certas componentes filosóficos quanto ao método, ao discurso teórico e ao modelo investigativo, e por isso, apoiou-se nesses saberes que lhe possibilitou emergir em estatuto de ciência como aponta Figueiredo (2008).

Segundo Barreto (2019) a psicologia tem sua formação epistemológica em diversos pensamentos sobre o ser humano, tomando uma forma científica independente na segunda metade do século XIX. Como visto, a formação das ciências humanas esteve imbricada de modo inicial aos métodos das ciências da natureza. No caso da psicologia, pensando nas tendências positivistas e hermenêuticas (ARANHA; MARTINS, 2009) pode-se pensar o desenvolvimento da psicologia a partir dessas categorias onde na primeira aloca-se as formulações de Wilhelm Wundt, Edward Bradford Titchener e a Escola Comportamentalista/Behaviorista; e na segunda, a Psicologia da Gestalt e a Psicanálise.

Conforme Freire (1997), Figueiredo (2010), Barreto (2019) e Schultz e Schultz (2019) os primeiros trabalhos no campo da psicologia científica buscaram a partir das bases metodológicas experimentais compreender os processos psíquicos.

Gustav Theodor Fechner (1801-1887) apresentou a obra Elementos de Psicofísica, marco para a psicologia. Como diz Freire:

O ponto central de suas preocupações e de sua obra era encontrar a relação existente entre mente x corpo, físico x psíquico. Adota a ideia de paralelismo, considerando mente x corpo como sendo a duas faces da mesma moeda. Fechner demonstra que existe uma ligação entre esses dois mundos e é uma relação matemática, quantitativa. Para chegar a essa conclusão, fez diversas experiências, testando os processos psicológicos com os métodos das ciências exatas [naturais] (FREIRE, 1997, p. 91).

Outro marco científico para a consolidação da psicologia enquanto disciplina científica, foi a criação do primeiro laboratório de pesquisas psicológicas, em Leipzig na Alemanha, por Wilhelm Wundt (1832-1920), considerado como “pai” da psicologia científica. A obra Elementos de Psicologia Fisiológica, reuniu e organizou as bases filosóficas e científicas da

psicologia, apresentando-a como uma ciência particular e não uma variação da filosofia ou da fisiologia (FREIRE, 1997). Nos explica Figueiredo, de modo detalhado:

Wundt não reduz a tarefa da psicologia à descrição dessa experiência subjetiva. Ele quer ir além e tanta fazê-lo de duas formas: a) utilizando o método experimental, ele pretende pesquisar os processos elementares da vida mental que são aqueles processos mais fortemente determinados pelas condições físicas do ambiente e pelas condições fisiológicas dos organismos. Com o método experimental, em situações controladas de laboratório, Wundt procura analisar os elementos da experiência imediata e as formas mais simples de combinação desses elementos. Mas isso é apenas o começo da psicologia, e não é o mais importante para Wundt; e b) por meio da análise dos fenômenos culturais - como a linguagem, os sistemas religiosos, os mitos, etc. -, segundo Wundt, manifestam-se os processos superiores da vida mental - como o pensamento, a imaginação, etc. [...] (FIGUEIREDO, 2010, p. 62).

Como observado, os trabalhos de Wundt agregam métodos experimentais para compreensão da psique humana, esses procedimentos aproximam-se dos métodos das ciências naturais, o que corrobora para consolidação da psicologia enquanto ciência em fins do séc. XIX. Todavia, Wundt abre caminhos para outras compreensões da psique humana, que envolvem as relações entre o ser humano e o meio (cultural e ambiental). Logo, Wundt “[...] reconhecia a existência de uma causalidade psíquica, ou seja, princípios da vida mental independente dos princípios que explicam o comportamento dos corpos físicos e fisiológicos.” (FIGUEIREDO, 2010, p. 63), assim, não despreza a introspecção, ou seja, os aspectos subjetivos que estão envolvidos no contexto dos experimentos (FREIRE, 1997).

Seguindo a linha experimental (positivista) os estudos do Behaviorismo e/ou Comportamentalismo, apresentam como objeto de estudo da psicologia “[...] o comportamento e suas interações com o ambiente. O método deve ser o de qualquer ciência: observação e experimentação, mas sempre envolvendo comportamentos publicamente observáveis e evitando a auto-observação.” (FIGUEIREDO, 2010, p. 68). Como apontam Schultz e Schultz (2019) o Behaviorismo surgiu nos Estados Unidos a partir dos trabalhos de John Watson, Professor da *Johns Hopkins University*, e Rosalie Rayner aluna de pós-graduação e sua assistente, através do experimento com “O Pequeno Albert”. Destacam-se também no Behaviorismos os nomes do médico russo Ivan Pavlov (1849-1936), o psicólogo estadunidense Burrhus Frederic Skinner (1904-1990), e o psicólogo canadense Albert Bandura (1925-1952).

No campo hermenêutico podemos alocar a Psicologia da Gestalt e a Psicanálise, uma vez que “a tendências hermenêutica procede à interpretação do que pensamos conhecer, a fim de decifrar o sentido oculto no sentido aparente, o que significa compreender as peculiaridades únicas de seus objetos.” (ARANHA; MARTINS, 2009, p. 389). Desse modo, as formulações

epistemológicas desenvolvidas não são homogêneas, apresentam diversos olhares para o fenômeno psíquico, e também metodologias diferentes para investigação dos processos de subjetividade, buscando compreendê-la e explicá-la.

A Psicologia da Gestalt, “palavra alemã de difícil tradução: ora se traduz por psicologia da estrutura, ora por psicologia da totalidade, ora por psicologia da forma, e frequentemente conserva-se o termo alemão não traduzido ou aporuguesado pela denominação ‘gestaltismo’.” (FIGUEIREDO, 2010, p. 75). Freire nos indica que:

O ponto de partida da gestalt foi o estudo da percepção. [...] Dentro do estudo da percepção e da sua visão globalista e totalista, a gestalt interessou-se pela problemática da figura-fundo. Toda percepção é composta de figura e fundo e cada objeto é um todo. Uma unidade com uma configuração delimitada chama-se figura, em comparação com os espaços que a envolvem e que lhe servem de fundo. A percepção da figura e fundo se dá porque existe uma visão periférica e uma central. A visão central leva a percepção da figura, e a periférica, à do fundo (FREIRE, 1997, p. 117).

Desse modo, a Psicologia da Gestalt abarca dois aspectos fundamentais: “a) o reconhecimento da experiência imediata; e b) a preocupação de relacionar essa experiência com a natureza física e biológica e com o mundo dos valores culturais” (FIGUEIREDO, 2010, p. 77). São nomes importantes para a Gestalt: Max Wertheimer (1880-1943), Kurt Koffka (1886-1941), Wolfgang Köhler (1887-1967) e Friederich Perls (1893-1970).

A Psicanálise, cuja figura de gênese é Sigmund Freud (1856-1939) inaugura a ideia de inconsciente. Como apontam Schultz e Schultz (2019, p. 314) “o termo ‘psicanálise’ e o nome Sigmund Freud são amplamente conhecidos no mundo moderno [que] mantém até hoje alto grau de notoriedade entre o público em geral.”; autores destacam que “Freud foi, certamente, uma pessoa fundamental na história da civilização, que alterou o modo como as pessoas têm de pensar sobre si mesmas.”. Freud descreve o aparelho psíquico humano em três instâncias: o id (isto), o ego (eu), e o superego (supereu). Aranha e Martins explicam que:

A relação entre essas três instâncias é dinâmica. O id orienta-se pelo *princípio do prazer* e, nesse sentido, o curso dos processos mentais é regulado para a busca do prazer e evitar a dor. Porém, em contato com as normas sociais forma-se o superego, que interioriza as forças inibidoras do mundo exterior. O conflito entre essas duas forças antagônicas - a busca do prazer e a exigência dos deveres - é resolvido pelo ego a partir do *princípio de realidade*. Ao levar em conta as condições impostas pelo mundo exterior, aprende a lidar com o desejo, decidindo sobre a conveniência de realizá-lo, proibir sua satisfação ou apenas adiá-la (ARANHA; MARTINS, 2009, p. 395, grifos da autora).

Freire (1997) nos lembra que a Psicanálise não se constitui enquanto uma psicologia experimental, uma vez que Freud usa o método introspectivo e o da livre associação. Em

Psicanálise, como aponta Figueiredo (2010, p. 85) “a concepção de subjetividade humana é cindida e incompleta [...] em Freud não há lugar para pensar num self, num ‘eu’ verdadeiro ou numa natureza íntima. Não há um centro do inconsciente.”. A psicanálise em Freud apresenta diversas análises sobre os sonhos, a sexualidade infantil, os mitos e a sociedade, entre outros elementos que foram fundamentais para o desenvolvimento teórico da Psicanálise. Outros nomes importantes (entre continuadores e opositores) na Psicanálise são: Alfred Adler (1870-1937), Carl Gustav Jung (1875-1961), Sandor Ferenczi (1873-1933), Melanie Klein (1882-1960), Harry Stack Sullivan (1892-1949), Jacques Lacan (1901-1981).

Considerações Finais

Buscou-se com texto apresentar uma breve introdução sobre o conceito de Epistemologia, compreendendo seu desenvolvimento a partir da idade moderna e suas concepções na contemporaneidade, enquanto Teoria do Conhecimento. Desse modo, apresentou-se os principais epistemólogos contemporâneos e suas concepções sobre a Epistemologia. Tomou-se como exemplo analítico a Psicologia enquanto campo científico contemporâneo, que em seu desenvolvimento constituiu-se imbricado com base nas metodologias das ciências naturais e posteriormente criou suas próprias metodologias e campos epistemológicos para compreender a psique humana, tanto no campo dos comportamentos e fisiologia, como no campo da subjetividade.

A Epistemologia representa hoje uma reflexão crítica e profunda sobre o que temos de mais significativo sobre Ciência. Ciência esta que é cúmplice de todas as investigações, sejam elas para dar conta dos métodos e técnicas da produção, da cultura, da saúde ou da educação.

Embora absorvida pela produção de uma maneira geral, a ciência não deve negar a dimensão social, arraigada no progresso. Dessa forma, caberá aos epistemólogos eliciar uma problematização do conhecimento. Seja ele do senso-comum, no campo científico ou filosófico. Mostrar que o mundo não é de todo desinteressado e que em todo conhecimento produzido sempre haverá interesses. A ciência e o conhecimento são hoje ferramentas de poder e de alguma forma, pode ser utilizada para manipulação da sociedade dominante.

A Epistemologia exerce a grande tarefa de expor uma reflexão crítica, mostrando aos estudiosos das ciências, as questões implícitas nas entrelinhas das pesquisas, para que sejam utilizadas de forma consciente.

Referências

AQUINO, Rubim Santos Leão de. et al. *História das sociedades: das sociedades modernas às sociedades atuais*. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1978.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda.; MARTINS, Maria Helena Pires. *Filosofando: introdução à filosofia*. 4. ed. São Paulo: Moderna, 2009.

BARRETO, Elcides Hellen F. Landim. Formação do pensamento Psi: um passeio pelos alicerces da psicologia. *Revista Interdisciplinar Encontro das Ciências*, v. 2, n. 1, 2019. Disponível em: <http://riec.fvs.edu.br/index.php/riec/article/view/65>

CASTAÑON, Gustavo. *Introdução à epistemologia*. São Paulo: EPU, 2007.

COSTA, Cristina. *Sociologia: introdução à ciência da sociedade*. 4. ed. São Paulo, 2010.

COTRIM, Gilberto. *Fundamentos de Filosofia: história e grandes temas*. 16. ed. São Paulo: Saraiva, 2006.

COTRIM, Gilberto.; FERNANDES, Mirna. *Fundamentos de Filosofia*. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2016.

FIGUEIREDO, Luis Claudio Mendonça. *Psicologia, uma (nova) introdução: uma visão histórica da psicologia como ciência*. 3. ed. São Paulo: EDUC, 2010.

FREIRE, Izabel Ribeiro. *Raízes da Psicologia*. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

GIDDENS, Anthony. *Sociologia*. 6. ed, Porto Alegre: Penso, 2012.

GOMES FILHO, Antoniel dos Santos.; LAVOR FILHO, Tadeu Lucas de.; LIMA, Antonio Ailton de Sousa. A pandemia para além do óbvio: uma análise crítica sociológica. *Revista Interdisciplinar Encontro das Ciências*, v. 3, n. 1, 2020. Disponível em: <http://riec.fvs.edu.br/index.php/riec>.

HAHN, Hans.; NEURATH, Otto.; CARNAP, Rudolf. A CONCEPÇÃO CIENTÍFICA DO MUNDO - O CÍRCULO DE VIENA. *Cadernos de História e Filosofia da Ciência*, v. 10, série 1, 1986. Disponível em: <https://www.cle.unicamp.br/eprints/index.php/cadernos/article/view/1220>.

SCHULTZ, Duane P.; SCHULTZ, Sydney Ellen. *História da psicologia moderna*. 4. ed. São Paulo, SP: Cengage, 2019.



Como citar este artigo (Formato ABNT):

GOMES FILHO, Antoniel dos Santos; LAVOR FILHO, Tadeu Lucas de; AMORIM, Liromaria Maria de; OLIVEIRA, Gislene Farias de. Epistemologia Contemporânea e sua Aproximação com a Psicologia. **Id on Line Rev.Mult. Psic.**, Dezembro/2020, vol.14, n.53, p. 1116-1128. ISSN: 1981-1179.

Recebido: 07/12/2020;

Aceito: 17/12/2020.